

Capítulo 19

MOTIVAÇÕES DE PROFESSORES PARA TRABALHAR COM AGROECOLOGIA NA EDUCAÇÃO FORMAL

Diane Ivanise Fiamoncini

Cláudia Márcia Lyra Pato

Resumo: Esse estudo investigou as crenças de professores sobre a melhor forma de conduzir a produção de alimentos e suas motivações para ensinar Agroecologia. Foram feitas entrevistas com cinco professores da área de ciências agrárias (3 mulheres; 2 homens) com média de idade de 46,25 anos e pelo menos seis anos de exercício profissional na área. Utilizando como critério similaridades e particularidades nas respostas, destacou-se a crença de que o atual modelo de agricultura está gerando sérios problemas ambientais e de saúde tanto para os agricultores quanto para os consumidores. A Agroecologia foi indicada como solução para estes problemas. Com relação às práticas pedagógicas, os participantes apontaram para a necessidade de atividades interdisciplinares e propostas metodológicas centradas no entorno das escolas. Dentre as dificuldades enfrentadas para lecionar Agroecologia, destacaram grade curricular fechada e conteúdos pré-determinados. Esses resultados apontam para a importância do fortalecimento de práticas pedagógicas adequadas ao contexto das escolas de modo a facilitar o ensino da Agroecologia.

Palavras-chave: crenças; práticas pedagógicas; cursos técnicos e tecnológicos de agroecologia; saúde; meio ambiente.

1. INTRODUÇÃO

A formação em ciências agrárias dos professores que lecionam nos cursos técnicos, tecnológicos e superiores em Agroecologia requer especial atenção. Sarandón (2002) já apontava para esta formação como seguidora de um modelo produtivista de altos rendimentos. Esse modelo não responde à totalidade das situações que existem no meio rural, como os casos das comunidades que ocupam áreas marginais e possuem escassos recursos. Mais tarde, Jacob et al. (2009), num estudo sobre a inclusão do enfoque agroecológico nas ciências agrárias, concluíram que a abordagem da agricultura familiar e da agroecologia era difusa. Dessa forma, outros espaços curriculares são necessários para que os futuros profissionais destas ciências possam se tornar aptos a atuar com base em fundamentos agroecológicos. Corroborando estas ideias, Pinto (2014), referindo-se aos professores dos cursos recentes de Agroecologia, afirma que estes professores vivem uma crise paradigmática na prática docente, por não terem tido formação para tal.

Nesse contexto pedagógico são formadas as novas gerações de profissionais na área de produção de alimentos. Desse modo, pode-se transferir crenças e visão sobre a melhor forma de produção, o que pode contribuir para a manutenção de um modelo ou gerar novas perspectivas.

Diante deste quadro e com base no modelo teórico Valores-Crenças-Normas (Stern, Dietz & Kalof, 1993; Stern, Dietz, Kalof & Guagnano, 1995; Stern, 2000) esse estudo investigou as crenças dos professores formados em ciências agrárias para lecionar agroecologia. Além disso, buscou-se compreender suas motivações, bem como suas práticas pedagógicas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 PARTICIPANTES

Cinco professores da área de ciências agrárias de três Instituições Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Desses, 3 mulheres e 2 homens, com média de idade de 46,25 anos, com experiência de no mínimo seis anos de atuação de magistério em Agroecologia. Todos foram voluntários e receberam garantia de sigilo e anonimato.

2.2 INSTRUMENTO

Entrevistas individuais foram realizadas e orientadas por um roteiro prévio de perguntas, tais como: há quanto tempo trabalham com Agroecologia, o que os levou a se envolverem com esta área, como são suas práticas pedagógicas, quais motivações os levam a continuar trabalhando com Agroecologia e quais objetivos esperam que sejam alcançados em relação à Agroecologia.

2.3 PROCEDIMENTOS

As entrevistas foram feitas presencialmente, no local definido pelos participantes. Os entrevistados foram convidados a participar e se apresentaram voluntariamente. As entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos participantes, que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Posteriormente as gravações foram transcritas e analisadas tendo em vista os objetivos da pesquisa.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos foram comparados entre si utilizando-se como critério de seleção a similaridade das respostas e particularidades importantes de serem relatadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tempo de experiência dos professores com Agroecologia é bastante variado, indo de seis até trinta e quatro anos. Essa delimitação de tempo é relativamente difícil, tendo em vista que a percepção dos participantes é de que atuavam com práticas de agroecologia antes da criação formal do curso. Alguns citaram participar dos movimentos de agricultura alternativa da década de 80.

Dentre os motivos relatados pelos participantes para se envolverem com Agroecologia destaca-se a crença de que o atual modelo de produção de alimentos gera sérios problemas ambientais e de saúde, tanto para os agricultores quanto para os consumidores. Desse modo, consideram necessário levar informação sobre formas mais sustentáveis e menos nocivas de produção não só para os estudantes, bem como para as comunidades do entorno, sobretudo aos agricultores familiares.

Tomar conhecimento de casos de intoxicação de agricultores e perceber que havia desconhecimento destes sobre o uso correto dos agrotóxicos, assim como o fato de que se tratava de algo nocivo a própria saúde foi um estímulo para que alguns desses professores buscassem outra forma de produção, sem uso de agrotóxicos. Na visão desses professores, era necessário mudar essa realidade, que para eles estava associada à pobreza material, aliada à necessidade forjada do uso de agrotóxicos. Nesse contexto, emergem relatos de envolvimento direto e pessoal com agricultores que adoeceram. E há uma clara percepção de associação direta entre o adoecimento e morte destes agricultores e o uso inadequado de agrotóxicos.

Pode-se ressaltar que as tecnologias propostas nos cursos de agronomia na década de 80 não se adequavam a diferentes realidades. De acordo com Sarandón (2002), o modelo de agricultura à época não correspondia à diversidade de contextos existentes no meio rural. Para ilustrar, um participante relata que o seu curso de agronomia era todo baseado em materiais e exemplos da região Sudeste. Entretanto, ele era originário da região Nordeste e tinha a motivação de ajudar sua família a produzir de forma mais adequada. O ensino, na opinião dele, era principalmente agricultura industrial, baseada no tripé do agronegócio: mecanização, biotecnologia e agroquímicos. E esse modelo é inacessível aos agricultores de baixa renda, o que leva à busca de movimentos de agricultura alternativa, emergentes na década de 80. Pode-se perceber que o envolvimento com formas alternativas de produção agrícola contribui para o consequente envolvimento com a agroecologia. Em alguns casos, converte-se em militância política associada à educação do campo.

Muito embora com a ausência do enfoque agroecológico na grade curricular dos cursos, eventos extracurriculares promovidos no ambiente acadêmico foram apontados como motivadores, despertando o interesse pela agroecologia. Por exemplo, palestras com expoentes da agroecologia, como Ana Maria Primavesi e Ernst Götsch, foram oportunidades para alguns tomarem conhecimento e despertar o interesse pelo tema. A percepção de uma aliança entre sistema de produção e natureza, associada às dimensões sociais e políticas subjacentes, igualmente revelam-se motivadoras para o envolvimento desses participantes com a agroecologia.

Esses resultados revelam que as experiências pessoais foram significativas para sensibilizar esses professores e despertar neles o interesse pela Agroecologia. Destaca-se o aspecto afetivo como fundamental para a motivação deles nessa área, aliando-se aos aspectos cognitivos de conhecimento e informação a respeito de distintas formas de produção.

Desse modo, esses entrevistados revelam a formação de crenças a respeito da Agroecologia. A principal delas é a de que a Agroecologia é a solução para os problemas apontados, como adoecimento dos agricultores, falta de acesso aos meios de produção, degradação do solo e danos ambientais, entre outros. Esta crença é corroborada pela FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, conforme relatório de 2008. Nesse documento, a Agroecologia é apontada como um meio de desenvolvimento agrícola, que além de estar conectada com o direito à alimentação, possui resultados comprovados na concretização desse direito humano para muitos grupos vulnerabilizados em diversos países e ambientes (SCHUTTER, 2012).

Com relação às práticas pedagógicas compatíveis com a concepção de agroecologia, os professores apontaram que há necessidade de se trabalhar de forma interdisciplinar. Entretanto, reconhecem as dificuldades existentes para se conseguir trabalhar em conjunto com professores de outras disciplinas devido à falta de horários de planejamento coletivo, à limitação da grade curricular e à resistência por parte de alguns professores. Esta resistência já era apontada por Sarandón (2002) quando citou a dificuldade dos professores formados no antigo paradigma atuarem de modo diferente por terem medo devido à incerteza de seu papel dentro do novo paradigma.

O trabalho interdisciplinar permanece um desafio e leva os professores a consequente necessidade de desenvolverem propostas metodológicas adequadas ao ensino da agroecologia. Há um consenso entre os participantes de que não se pode enquadrar a Agroecologia em uma grade curricular fechada, com conteúdos programáticos pré-definidos.

Sarandón (2002) corrobora com essa visão quando afirma que ao se tentar incorporar a Agroecologia no currículo de instituições de ensino, não há muita flexibilidade para incluir novas metodologias, enfoques e conteúdos com agilidade suficiente nos planos de ensino. Essa perspectiva se alinha à importância destacada pelos entrevistados de que é preciso vivenciar a realidade local onde atuam. Por exemplo, todos relataram levar seus alunos para conhecer agricultores e a pensar soluções para problemas vivenciados, como os causados por insetos, dentre outros.

Nessa direção, pode-se compartilhar a experiência utilizada por uma das instituições federais de ensino onde alguns entrevistados atuam, que possui uma disciplina chamada Vivência. Voltada para o desenvolvimento de projetos e atividades práticas, essa disciplina reúne vários professores para juntos coordenarem projetos realizados nas comunidades vizinhas ou mesmo dentro da área do instituto. Um exemplo prático, relatado por um dos entrevistados, foi a construção do Plano de Desenvolvimento de um assentamento próximo ao instituto.

Apesar das dificuldades apontadas e da necessidade de mudanças nas propostas pedagógicas, os entrevistados continuam motivados a trabalhar com Agroecologia. A crença de que não há outro caminho e que a mudança para a agroecologia terá que acontecer em algum momento, diante das práticas insustentáveis da agricultura atual, é seu principal motivador.

De modo geral, os entrevistados consideram que o futuro depende dessa forma de agricultura. Esses professores consideram fundamental que a Agroecologia seja compreendida e tenha maior apoio dos governos federal, estadual e municipal. Esperam que assim sejam gerados alimentos saudáveis para a sociedade, com preço acessível, trazendo a agricultura de volta para a cidade. Por sua vez, percebem a agricultura atual como redutora da biodiversidade, que gera impactos incalculáveis, desejando que seja reduzida, podendo chegar ao fim.

Nesse sentido, para eles, a curto prazo, é importante que se divulgue a agroecologia para as pessoas, informando sobre o que é e o que pretende. Em longo prazo, espera-se ver todos vivendo em equilíbrio e harmonia com saúde tanto nas pessoas quanto no ambiente. Espera-se também a união dos produtores agroecológicos e o estabelecimento de áreas grandes livres de transgênicos e agrotóxicos.

E quanto aos cursos de agroecologia, eles consideram importante que haja um nivelamento continuado de informações sobre o tema. De maneira que novas propostas pedagógicas, com maior flexibilidade de tempo e espaço, possam ser implantadas. E que propiciem aproximações maiores com a comunidade onde estão inseridos, que transformem realidades, pelo menos ao seu redor.

4. CONCLUSÃO

Apesar da falta de inclusão do enfoque agroecológico nos cursos de formação inicial dos entrevistados, suas experiências com esse tipo de prática, as relações afetivas com pessoas próximas que atuam dessa forma ou que possuem conhecimento especializado sobre esse assunto foram aspectos importantes que os impulsionaram a investir nessa atuação.

Nesse sentido, considera-se premente a inclusão do enfoque agroecológico nos cursos de formação em ciências agrárias. Desse modo, espera-se contribuir para o engajamento de profissionais preocupados com a produção de alimentos, que considerem distintas realidades e contribuam para a sustentabilidade socioambiental.

A crença de que a agroecologia é o caminho para a resolução dos impactos causados pelo atual modelo de agricultura ressalta seu potencial como maneira de produção mais ecológica e sustentável. Metodologias mais compatíveis com uma educação transformadora são necessárias nos cursos específicos de Agroecologia. De tal modo que o uso de atividades interdisciplinares e de propostas metodológicas centradas na realidade da comunidade escolar e seu entorno possa contribuir para a autonomia e o empoderamento dos estudantes. Consequentemente, propiciará a transformação de suas realidades, suas comunidades e comunidades vizinhas, num efeito multiplicador. Desse modo, a Agroecologia pode contribuir para a melhora na qualidade de vida das famílias e do ambiente do entorno.

REFERÊNCIAS

- [1] Jacob, L.; Castro, T. P. Sollero, G. C.; Yamamoto, A. T. V. & Sparovek, G. Agroecologia na Esalq/Usf. Resumos do VII CBA e II Cla. Revista Brasileira de Agroecologia. Vol. 4, n.2, p. 3387-3390, 2009.
- [2] Pinto, D. S. de. Identidades e trajetórias de educadores na Agroecologia. 2014. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2014.
- [3] Sarandón, S. J. Incorporando el enfoque agroecológico em las Instituciones de Educación Agrícola Superior: la formación de profesionales para una agricultura sustentable. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: Vol. 3, n.2, abril/junho, 2002.
- [4] Schutter, O. Agroecologia e o direito humano à alimentação adequada: tradução do relatório de Olivier de Schutter: relator especial da Onu para o direito à alimentação. Brasília: Mds, v. Caderno Sisan 01, Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. Disponível em: <<http://bibspi.planejamento.gov.br/bitstream/handle/iditem/165/Caderno%20SISAN%2001-2012%20-%20Agroecologia%20e%20o%20Direito%20Humano%20C3%A0%20Alimenta%3%A7%C3%A3o%20Adequada.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 ago 2017.
- [5] Stern, P. C., Dietz, T. & KALOF, L. Value orientations and environmental concern. *Environment and behavior*, Vol. 25, p. 322-348, 1993.
- [6] Stern, P. C., Dietz, T., Kalof, L. & Guagnano, G.A. Values, Beliefs, and Proenvironmental Action: Attitude Formation Toward Emergent Attitude Objects. *Journal of Applied Social Psychology*, Vol. 25 (18), p. 1611-1636, 1995.
- [7] Stern, P.C. Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. *Journal of Social Issues*, 56 (3), p. 407-424, 2000.